

O Consumo da Cannabis e Suas Representações Culturais (1º Simpósio Carioca de Estudos sobre a Maconha, 1983)

Gilberto Velho (*In memoriam*)¹

O primeiro fato sociológico e antropológico relevante a ser constatado, pra mim, pelo menos, é a criação ou a consolidação de um espaço para se discutir o caso maconha, o que representa evidentemente, uma abertura muito grande em relação a uma série de outros assuntos que interessam ao nosso cotidiano. Não é preciso dizer que esse tipo de assunto era tabu não só para as pessoas, digamos, mais conservadoras, mas também era visto com muita desconfiança por pessoas progressistas. As coisas que tocam o cotidiano das pessoas não eram vistas como dignas de serem debatidas. Era tudo razoável e justo, e continua sendo, aliás, você discutir classe operária, campesinato, imperialismo, dependência, tudo isso continua sendo muito importante, muito relevante. O que não era interessante era quando se colocava isso como uma coisa que excluía a possibilidade de você discutir problemas da sua vida diária, assuntos que lhe interessavam, fosse a maconha, a sexualidade e uma série de outros assuntos que não eram encarados ou como relevantes ou como dignos. E é muito importante chamar a atenção sobre isso. Esse movimento corresponde a um movimento mais amplo, eu falo evidentemente com um pouco mais de vigor a

¹ Foi coordenador do PPG em Antropologia Social do Museu Nacional/ UFRJ. Membro da Academia Brasileira de Ciências e presidente da Associação Brasileira de Antropologia. Foi vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Portador da Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico e Comendador da Ordem do Rio Branco. Entre seus livros, *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea* (1981), *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (1994), *Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia* (1998) e *Mudança, Crise e Violência: política e cultura no Brasil contemporâneo* (2002).

respeito da antropologia, mas das ciências sociais em geral, recuperar a importância do dia-a-dia, do cotidiano, da intimidade das pessoas. Sem ter vergonha de estar fazendo isso, sem maiores pudores, admitindo que é justo e legítimo discutir temas e assuntos que nos afetam diretamente. Em primeiro lugar, acho que esse é um ponto fundamental.

Isso corresponde a uma conquista muito significativa que, sem dúvida, pode ter retrocessos. É bom sempre lembrar isso, é possível haver retrocesso, caça às bruxas sempre há e sempre pode voltar a haver. Assuntos que num determinado momento são discutidos e são legitimados podem deixar de ser. Então, qual é o ponto? Enquanto antropólogo o que me interessa crucialmente, e esse é um ponto de vista meu da antropologia, é um tipo de preocupação antropológica. Nós estamos interessados, em se tratando do estudo de uma sociedade como a brasileira, complexa, heterogênea, de classes, com muitas tradições, nós estamos interessados em perceber as diversas maneiras de você viver dentro dessa sociedade. Ou, em outros termos, as diversas maneiras que você tem de construir a sua realidade. Por isso é que a discussão sobre a maconha é uma discussão importante, assim como a discussão mais geral sobre a chamada teoria do desvio, com ou sem aspas. O problema do desvio aí evidentemente não é um problema estatístico, é o problema de se você pode ou não, se você tem legitimidade ou não, se você tem segurança ou não de exercer certas formas de interação social as mais diferentes. Esse tipo de discussão, esse tipo de temática traz pra nós a relevância de uma reinvenção da própria antropologia. Ou seja, é claro que, existe em uma sociedade, em uma cultura, uma série de temas, uma série de áreas que articula e que junta as pessoas. Mas existem outras coisas que diferenciam as pessoas, e você reconhecer que as pessoas podem ter preferências e opções diferentes é importante e não só o reconhecimento das diferenças, mas que é possível e desejável que as diferenças existam, sejam reconhecidas e

que seja importante o convívio dessas diferenças, isso também é fundamental. E a antropologia tem essa experiência, isso é uma experiência marcante que a antropologia traz.

Pelo fato de os antropólogos terem lidado com sociedades muito diferentes, pelo menos à primeira vista da sociedade de onde vinham os antropólogos nós trazemos para o estudo da nossa sociedade essa preocupação, essa herança, essa experiência da antropologia mais clássica. E saber reconhecer dentro de uma sociedade diferentes formas de vida, diferentes formas de perceber a sociedade. Então, o problema da maconha, que é o tema em pauta, é que a maconha pode ser descrita quimicamente; há vários tipos de maconha, pode-se fazer uma classificação e mostrar quais são esses tipos. Pode-se fazer uma classificação complexa de diferentes tipos de tóxicos, diferentes tipos de drogas, diferentes tipos de remédios e mostrar quais são os efeitos bioquímicos que essas substâncias podem provocar. Há uma análise objetiva que pode ser feita nesse nível.

Mas o que nos interessa, fundamentalmente, e é aí que nós chegamos ao fulcro da questão, não é propriamente o que a maconha faz em termos químicos, mas como a maconha é percebida e vivenciada por grupos sociais específicos. Ou seja, consome-se tantas toneladas de maconha, mas de que maneira a maconha é utilizada? Não só em termos mecânicos, em termos de técnica, mas em termos de representação, em termos de crenças. O que significa consumo de maconha para camponeses do interior do Maranhão é diferente do que constitui para moradores de favela do Rio de Janeiro na década de 50 e é muito diferente dos moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro na década de 80. Há diferentes maneiras de interpretar e de usar a maconha. Então o problema é saber o que ameaça, o que na maconha ou em outras coisas, de fato, ameaça. É a maconha em si que ameaça, é ela que provoca de fato essa reação, aparentemente

tão irracional, tão estúpida, tão fora desentido? Certamente não é amaconha em si, certamente são as idéias a respeito da relação a que a maconha estaria associada. A maconha está associada a determinadas visões de mundo e a determinados estilos de vida, e é por aí que a coisa pega.

Fantasiadamente ou não, a maconha foi percebida, principalmente a partir da metade da década de 60, quando passou a ser consumida de forma mais intensa, mais disseminada, nas camadas médias e nas elites, como uma ameaça à continuidade da vida social. Já não era mais o camponês do interior do Maranhão nem o habitante da favela, o "marginal", que estava consumindo maconha, mas o filho das camadas médias, ou os filhos das elites. O futuro herdeiro de todo um processo, de todo um projeto de expansão e de crescimento de uma sociedade, é que fumava maconha. Mas o problema não era fumar maconha, ele podia tomar uísque ou Martini, ou seja lá o que for. O problema é que o uso da maconha estava associado, pelo menos na crença das pessoas que lidavam com esse assunto, a uma atitude de negação de valores dominantes nos segmentos mais privilegiados da sociedade. O que realmente provoca o problema, a crise, a ameaça, o que realmente provoca a reação irracional e violenta são as fantasias e as crenças que são erguidas em torno do uso de tóxicos. O uso de tóxicos, no caso, afeta basicamente dois domínios fundamentais para a suposta continuidade da vida social: o domínio do trabalho e o domínio da sexualidade, e, obviamente, da família. É o fato de o tóxico ser associado a comportamentos contrários ao nível do trabalho e ao nível da família e da sexualidade que provoca a reação tão aparentemente irracional, tão aparentemente incongruente. Porque, de fato, o que assusta quando se descobre que a filha ou o filho estão consumindo maconha não é exatamente isso, mas são os indícios do que isso pode representar. Que o filho não vai fazer vestibular, que o filho não vai trabalhar, que o filho não está afim de ganhar dinheiro, não está a

fim de trabalhar da maneira que eventualmente o pai ou a família gostariam que ele trabalhasse, que a filha necessariamente não tem um comportamento sexualmente o mais ortodoxo de acordo com os padrões tradicionais de sua família, que ela pode ser uma senhora de comportamento um pouco mais livre, e que eventualmente o cavalheiro pode ser dado até a hábitos homossexuais, quem sabe...

Quer dizer, o problema que a droga aciona desperta uma série de alarmas. Esses alarmas então sacodem literalmente vários domínios em que as pessoas acreditam. É importante que nós tenhamos consciência disso. Não se trata de uma conspiração maquiavélica das classes dominantes ou das famílias para coagir os seus filhos pura e simplesmente, ou para impor um modelo de comportamento autoritário. As pessoas acreditam no controle e acreditam, portanto, na perda do controle. Qualquer coisa que possa significar perda de controle é alguma coisa que assusta. E se você diz então que maconha pode provocar perda de controle, se você tem sempre mil histórias a contar, isto é altamente ameaçador.

As experiências, as pesquisas que se fazem nessa área são absolutamente extraordinárias. Eu tive a oportunidade de acompanhar algumas delas nos EUA. Por exemplo, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, pegaram 10 voluntários, normalmente pessoas que estão numa situação financeira um pouco difícil, e que receberam alguns dólares por dia para fazer experiências. Fumavam 10 cigarros de maconha por dia. "Comportamento um pouco anormal, falta de coordenação, respostas imprecisas." Bom, isso é publicado em revistas científicas, é distribuído, e ainda tem os ratos, os pobres coelhos e ratinhos que eles intoxicam de maneira avassaladora. Se você desse Coca-Cola na mesma proporção, ou papo-de-anjo, ou fios de ovos, o efeito seria tão ou mais devastador, você pode ter certeza disso.

No entanto, há também pesquisas mais sérias, a Harvard Medical School faz uma pesquisa há anos com famílias que moram na área de Boston. São profissionais liberais que trabalham, que têm filhos e cuja família fuma maconha. Todos fumam maconha, a família fuma maconha, ambos os pais fumam maconha, os filhos foram gerados enquanto os pais já tinham o hábito de fumar maconha, aparentemente não há nenhuma seqüela mais extraordinária do que os filhos das pessoas que tomam álcool. A pesquisa da Harvard Medical School mostra, e por isso é uma pesquisa séria, é que eles não procuraram as pessoas que estão nos hospitais psiquiátricos, aquelas que estão nos asilos ou nos pronto-socorros, mas foram procurar, através de contatos pessoais, através de um trabalho de pesquisa médica e antropológica, grupos de vizinhança, pessoas que fumavam maconha e prosseguiram suas atividades de trabalho. Eram profissionais liberais, advogados, médicos, engenheiros, professores, atividades as mais variadas. Fumar maconha não afetava a sua atividade produtiva. Certamente afetava de alguma maneira a sua concepção de mundo: elas eram mais tolerantes em relação às práticas as mais diferenciadas do que as outras pessoas. Obviamente não estou querendo dizer com isso que todo mundo que fuma maconha é tolerante, muito pelo contrário. Você pode encontrar pessoas que fumam maconha extremamente intolerantes. A acusação de "careta" pode ser uma acusação tão grande e violenta quanto a acusação contrária de "doidão". Em certos ambientes, se você não fumar maconha as pessoas te olham com profundo desprezo.

Em termos, portanto, de antropologia, se é que eu posso trazer para vocês um pouco dessa preocupação, podemos dizer o seguinte: a antropologia está interessada em estudar esses temas sim, porque a antropologia está interessada em perceber diferentes visões de mundo e diferentes estilos de vida que coexistem em uma sociedade, e verificar como coexistem, com maior ou menor grau de conflito, com maior ou menor grau de harmonia ou articulação. Isso em um

nível. O outro nível é o nível político fundamental: democracia política nos tempos modernos, na época contemporânea, passa necessariamente por um pluralismo sócio-cultural. Você não pode separar a idéia de democracia da idéia de pluralismo sócio-cultural, ou seja, o espaço para as diferenças étnicas, sexuais, de costumes, os hábitos mais diferentes possíveis. Se você não abre esse espaço, nós não temos essa utopia, nós seremos sempre arrastados por modelos políticos que podem ser sem dúvida liberais, sem dúvida menos fascistas, mas que poderão ter sempre essa marca implacável do gosto da homogeneidade, da ideologia da homogeneização da sociedade. Eu acho que a antropologia tem implícita essa mensagem. O momento político brasileiro, sem dúvida, é um momento privilegiado para nós estarmos discutindo isso. É um momento privilegiado para nós estarmos discutindo a situação das minorias étnicas, a situação dos grupos que têm comportamentos sexuais menos ortodoxos, o comportamento e o consumo de maconha e de eventualmente outro tóxico. Essa é a hora, pode ser que haja um retrocesso, mas se nós não discutirmos isso agora e utilizarmos os recursos de que dispomos, que as ciências sociais fornecem, que a medicina também fornece, nós estaremos condenados a repetir os mesmos erros.